

Poeta fazia serenatas no cemitério

Quem imaginaria que, no início dos anos 20, a cocaína começasse a freqüentar as festas de certa juventude local? A "Gazeta de Campinas" registra várias batidas policiais em bares e praças do centro, onde o "vício chic" amea-



O poeta Aristides Monteiro (à direita): serenatas satânicas

çava abalar as bases morais da família campineira.

O poeta Aristides Monteiro, que em 1922 tinha apenas 19 anos, nada tinha a ver com cocaínômanos, mas sim com poesia. Era uma outra espécie de droga moral, especialmente quando se tratava de poesia moderna e de atitudes rebeldes contra o que ele chamava de "hipocrisia dos costumes" e contra os caprichos da política municipal. Fizeram história suas "serenatas do violino de Satã às virgens sonsas", dirigidas às alunas do Colégio Sagrado Coração de Jesus e suspensas pelo delegado de polícia, mas logo substituídas pelas "serenatas da guitarra de Don Juan às amantes de outrora", estas realizadas de madrugada nas escadarias do cemitério.

A cidade posava de

moderna e movimentada, mas ainda se matavam cobras no meio das ruas. Nessas, a fumaça dos fordes se misturava ao odor penetrante do bucho e da carne vendida a domicílio, dos leiteiros que ordenhavam vacas e cabras à porta das ca-

sas, dos tripeiros com sua corneta de chifre anunciando miúdos de gado, dos vendedores de cuscuz, dos verdureiros e santeiros e dos vendedores de bacias esmaltadas, cafeteiras, canecas e urinóis.

Prova disso é que, ao visitar a cidade em 1929, o escritor Humberto de Campos -- uma celebridade na época -- anotou em seu diário: "É a terra ideal para a formação de um lar". A principal vantagem que ele via em Campinas era a "ausência de adventícios", de quartéis e soldadesca errando pelas ruas. Sob esse aspecto, a Campinas de hoje nada tem a ver com a que Humberto de Campos viu em 1929: além da quantidade e variedade de quartéis que a cidade abriga, mais de 80% de sua população atual é constituída de "adventícios". (E.G.)